



DISCURSO

& SOCIEDAD

Copyright © 2018  
ISSN 1887-4606  
Vol.12(3) 508-520  
[www.dissoc.org](http://www.dissoc.org)

---

*Artigo*

---

**Queermuseu - Cartografias da diferença na  
arte brasileira: breve discussão sobre  
polêmica e gestão da memória discursiva**

*Queermuseu - Cartographies of the difference in  
Brazilian art: a brief discussion about polemics  
and discursive memory management*

*Marilena Inácio de Souza*

Departamento de Letras  
Universidade do Estado de Mato Grosso - UNEMAT

*Roberto Leiser Baronas*

Departamento de Letras  
Universidade Federal de São Carlos - UFSCar

## Resumo

*Neste estudo, analisamos a polêmica gerada pelo cancelamento, por parte do Santander, da Exposição Queermuseu - Cartografias da diferença na Arte brasileira - como um acontecimento histórico, que ao se tornar discurso, passa a se constituir como um lugar de conflito de opiniões, de enfrentamentos, que revelam uma forte oposição de discursos sobre uma questão controversa. Consideraremos como material de análise um conjunto de enunciados engendrados no fluxo de discursos que se entrecruzaram e se entrechocaram ao tratar dos temas das obras expostas na Queermuseu: a questão do gênero e da diversidade sexual. O recorte dos dados permite não só compreender o funcionamento da polêmica, mas também a função das instituições midiáticas e sua responsabilidade no debate público. Nossas análises estão ancoradas em Amossy (2017), acerca da polêmica como modalidade argumentativa, e em Paveau (2015), acerca das relações entre linguagem e moral.*

**Palavras-chave:** Queermuseu, discurso, polêmica e memória.

## Abstract

*In this study we seek to comprehend the controversy generated by the revocation, made by Santander, of the exhibition Queermuseu – as a historical event, that taken as a discourse, becomes a place of opinion conflict, confronting, that contemplates a strong discourse opposition about a controversy matter. We consider as analysis material a set of statements generated in the discourse flow that intersected and clashed by approaching the themes exposed in the Queermuseu: the gender and the sexual diversity issues. The cutting of the data allows, thus, not only understand the functioning of the controversy, but also the functioning of the media institutions and its responsibility in the public debate. Our analyses are anchored in Amossy (2017), about the controversy as an argumentative modality and in Paveau (2015), upon the relations between language and moral.*

**Keywords:** Queermuseu, speech, controversy, memory.

## Primeiras palavras

Neste artigo, tomamos como objeto de estudo um *corpus* bastante peculiar, a polêmica em torno da Exposição do Santander Cultural, intitulada “*Queermuseu* - Cartografias da diferença na Arte brasileira”. Trata-se de analisar um conjunto de enunciados engendrados no fluxo de discursos que se entrecruzaram e se entrechocaram ao tratar dos temas das obras expostos na *Queermuseu*., especialmente a questão do gênero e da diversidade sexual. Interessa-nos, por um lado, compreender esse evento histórico e discursivo enquanto lugar de inscrição, solidificação e propagação da polêmica<sup>1</sup> e, por outro, entender o funcionamento da polêmica, isto é, os seus traços constitutivos (polarização, dicotomização e desqualificação do outro, bem como uma possível criminalização do outro) e a função das instituições midiáticas e sua responsabilidade no espaço público. Assim, este estudo compreende a referida exposição como um acontecimento histórico que, ao se tornar discurso, passa a se constituir como um lugar de conflito de opiniões, de enfrentamentos, que materializam uma forte oposição de discursos sobre uma questão controversa. Nossas análises estão ancoradas nos trabalhos de Amossy, 2017, acerca da polêmica como modalidade argumentativa e em Paveau, 2015, acerca das relações entre linguagem e moral.

A polêmica em torno da *Queermuseu* dada a sua repercussão se tornou em um acontecimento midiático lapidar. “É nas mídias que a polêmica se difunde – até mesmo se elabora no espaço público”. (AMOSSY, 2017, p.73). Foi por meio das mídias que os discursos favoráveis e contrários à exposição foram levados ao conhecimento da população brasileira. Foi nesse espaço também que o debate se tornou mais acirrado e as diversas opiniões se deram a ler e a ouvir. No plano dos discursos, que circulam no espaço público, encontra-se uma disseminação incessante da fala polêmica. Portanto, no decorrer deste artigo, organizamos os dados de forma que os discursos múltiplos e diversificados sejam divididos conforme as posições antagônicas em relação ao fechamento da exposição. Ou seja, buscamos mostrar que, em relação à exposição, há um antagonismo de opiniões em que o confronto verbal se manifesta de maneira exponencial, tal como expõe Amossy:

A polêmica supõe um face a face e se torna, num sentido mais particular, um ‘debate’, que permite a cada um expor e defender seu ponto de vista frente aos pontos de vista comparados dos outros participantes. É, portanto, a atividade que consiste em trazer argumentos em favor de sua tese e contra a tese adversa que constrói a fala polêmica. (Amossy, 2017: 49)

## **Sobre o cancelamento da *Queermuseu*: algumas das condições de possibilidades de uma polêmica**

Temas que tratam a questão do gênero e da diversidade sexual têm se tornado cada vez mais frequentes na atualidade. Se até meados do século XX, a questão era tabu, discutida mais comumente no âmbito do espaço privado, com a irrupção de movimentos sociais, que lutam pelas suas identidades e com a expansão da globalização e a mídiatização das informações, propiciadas especialmente pela revolução tecnológica e o avanço da Internet, estes temas têm ganhado cada vez mais atenção, tornando-se alvo de comentários e, sobretudo, de diversas polêmicas no espaço público.

A Exposição “*Queermuseu* - Cartografias da diferença na Arte brasileira”, promovida pelo Santander Cultural, por meio de captação de R\$ 800.000,00, aplicados segundo normas da Lei Rouanet<sup>2</sup>, é um bom exemplo de circulação desses temas. Lygia Clark, Adriana Varejão, Cândido Portinari e Leonilson Bezerra Dias, artistas visuais brasileiros de renome internacional, estão entre 85 autores das 270 obras que integraram a exposição, inaugurada no Museu Cultural de Porto Alegre- RS, em 14 de agosto de 2017. A Mostra contemplava trabalhos em diferentes mídiuns, como pintura, gravura, fotografia, serigrafia, desenho, colagem, cerâmica, escultura e vídeo, datadas de meados do século XX até a atualidade.

De acordo com o curador da Exposição, Gaudêncio Fidelis, a proposta da seleção é a de ampliar a visibilidade de questões LGBT, propondo a provocação estética e estimulando a revisão de obras e artistas marginalizados, com um amplo escopo de representação, que abarca das relações de poder e dominação do Brasil Colonial a ensaios fotográficos de corpos nus de jogadores de futebol. A exposição contou ainda com criações de épocas nas quais as questões LGBT, sequer eram abarcadas por essa sigla, como o quadro “Busto de Jovem”, pintado por Pedro Américo em 1889, e “Retrato de Rodolfo Jozetti”, de Portinari, datado de 1928.

O conteúdo da Exposição com curadoria de Gaudêncio Fidelis tornou-se objeto de intensa polêmica na mídia e, por conta dessa polêmica, a Mostra foi cancelada no dia 10 de setembro de 2017, um mês antes do previsto. O cancelamento atendeu a reivindicações de grupos religiosos e do Movimento Brasil Livre -MBL, que fizeram campanhas nas redes sociais para encerrá-la. As mensagens e vídeos compartilhados faziam referência às obras “Cruzando Jesus Cristo Deusa Schiva”, de Fernando Baril; “Criança viada travesti da lambada”; “Criança viada rainha das águas”, de Bia Leite; e “Cenas de interior II”, de Adriana Varejão. Os manifestantes, ao fazerem referência às imagens, alegaram que a Mostra promovia tanto a blasfêmia contra símbolos religiosos quanto a apologia à pedofilia e à zoofilia. Para pressionar o Santander a

cancelar a Exposição, também foram feitas campanhas virtuais que incentivam os correntistas do banco a encerrarem suas contas, como forma de boicote.

Diante da forte repercussão, o Santander, em um primeiro momento, esclareceu por meio de nota que algumas obras da Mostra poderiam provocar um sentimento contrário à moral comum. No entanto, elas tinham sido criadas "justamente para nos fazer refletir sobre os desafios que devemos enfrentar em relação a questões de gênero, diversidade, violência, entre outros". Dois dias depois, entretanto, o Santander voltou atrás e cedeu às pressões dos críticos, com medo de um forte boicote e de ver a instituição financeira ter seus lucros diminuídos. Novamente, em nota, publicou a seguinte declaração:

Nos últimos dias, recebemos diversas manifestações críticas sobre a exposição Queermuseu - Cartografias da diferença na Arte Brasileira. Pedimos sinceras desculpas a todos os que se sentiram ofendidos por alguma obra que fazia parte da Mostra. O objetivo do Santander Cultural é incentivar as artes e promover o debate sobre as grandes questões do mundo contemporâneo, e não gerar qualquer tipo de desrespeito e discórdia. Nosso papel, como um espaço cultural, é dar luz ao trabalho de curadores e artistas brasileiros para gerar reflexão. Sempre fazemos isso sem interferir no conteúdo para preservar a independência dos autores, e essa tem sido a maneira mais eficaz de levar ao público um trabalho inovador e de qualidade. Desta vez, no entanto, ouvimos as manifestações e entendemos que algumas das obras da exposição Queermuseu desrespeitavam símbolos, crenças e pessoas, o que não está em linha com a nossa visão de mundo. Quando a arte não é capaz de gerar inclusão e reflexão positiva, perde seu propósito maior, que é elevar a condição humana. O Santander Cultural não chancela um tipo de arte, mas sim a arte na sua pluralidade, alicerçada no profundo respeito que temos por cada indivíduo. Por essa razão, decidimos encerrar a Mostra neste domingo, 10/09. Garantimos, no entanto, que seguimos comprometidos com a promoção do debate sobre diversidade e outros grandes temas contemporâneos. (SANTANDER CULTURAL, O GLOBO, 10/09/17).

A nota de esclarecimento do Santander provocou uma enxurrada de comentários na mídia. Nos dias seguintes ao cancelamento da exposição, emergiu nos mais diversos meios de comunicação uma série de textos que expunham argumentos contrários e favoráveis ao encerramento da Mostra. Enquanto os representantes do MBL e seus apoiadores repudiavam o conteúdo da Exposição, personalidades do meio artístico e internautas acusaram o Santander de promover a censura. Muitos reclamavam também da falta de uma classificação de idade mínima para os visitantes. A repercussão foi tanta que os termos Santander e MBL se tornaram dos mais debatidos nas redes sociais, chegando a atingir cerca de um milhão e duzentos mil comentários somente no mês de setembro.

Vários aspectos poderiam ser abordados a respeito dessa intensa repercussão. Os dados são numerosos e discursivamente muito interessantes. Evidentemente, não os analisaremos todos. Seguindo Amossy (2017), selecionamos os excertos em que o debate público é mais acirrado, visceral

mesmo, apontando para questões conflitantes que circulam no interdiscurso e que são retomadas nos enunciados que analisaremos.

### **A discursivização da *Queermuseu* na internet: a exposição em debate**

Antes de apresentar os dados coletados para este estudo, convém destacar que a polêmica em torno da *Queermuseu*, apesar de se desenvolver nas redes sociais, por meio das conversações digitais, não se relaciona exclusivamente a este contexto. Ela envolve um contexto político, cultural e religioso exteriores à internet que, no entanto, se desenvolveu nesse espaço, de forma (des)regrada, cuja linguagem violenta e ultrajante insulta o oponente. Como veremos no decorrer desta seção, há muitas interações hostis e agressivas nas discussões *on-line*.

Sobre essa questão, Amossy (2017) observa que, nas conversações digitais, os internautas se utilizam de uma máscara, espécie de pseudônimo, um *avatar*, que lhes permite fazer uso da violência verbal e atacar a face do outro sem sofrer nenhuma sanção. É no interior deste jogo de máscaras, segundo a autora, que ocorre uma despersonalização e, por isso, uma desresponsabilização, tanto na esfera jurídica quanto na esfera social e na ética. Nesse caso,

o debate polêmico não opõe mais atores sociais, mas “avatares”, seres dotados de uma identidade fictícia no *cyberespaço*. Na carnavalização da fala política, que suscita o jogo de máscaras, o internauta concederia a si mesmo todos os direitos, a ponto de os piores excessos serem temidos. (AMOSSY, 2017: 174)

No entendimento da estudiosa francesa, longe de serem meras explosões individuais de humor, as interações hostis *online* estão relacionadas a conflitos psicossociais. Até na sua brutalidade essas interações participam de um ritual que modela as relações agonísticas no fundamento da polêmica. Embora pudéssemos pensar o contrário, a violência verbal não esvazia a argumentação, visto que

é a coexistência da argumentação e da violência que permite às discussões violentas virtuais não caírem na agressividade pura e se manterem no enquadre contextual da polêmica como modalidade argumentativa caracterizada pelo choque de opiniões antagônicas. Elas não constituem um comportamento verbal desenfreado que permita suscitar todas as inibições, mas um modo de gestão do conflito no qual o dispositivo do midiático concede um lugar não negligenciável à violência verbal. (AMOSSY, 2017: 178).

Os dados a seguir permitem observar o conflito de opiniões acerca da *Queermuseu*, bem como averiguar em que medida a violência verbal contribui para a propagação da polêmica. Apresentamos primeiramente os discursos favoráveis à exposição e, na sequência os desfavoráveis:

- (1) “Já fiz duas bienais do Mercosul, nunca tinha visto algo parecido. As manifestações foram muito organizadas e se debruçaram sobre algumas obras muito específicas, que não dão a verdadeira dimensão da exposição. Esses grupos [de críticos] mostraram uma rapidez em distorcer o conteúdo, que não é ofensivo”. (Ponderou o curador da exposição, Gaudêncio Fidelis, em entrevista ao jornal O Globo).
- (2) “A arte é o melhor lugar para debater. Eu vejo como preocupante esse tipo de movimento que impulsiona esse tipo de intransigência com o debate. Essas ideias de intolerância são incompatíveis com a arte. É uma censura”. (Afirmou o ex-presidente da Fundação Nacional de Artes e atual diretor executivo do *Inhotim*, Antonio Grassi, em entrevista ao Jornal El País).
- (3) “Rumo ao passado. E que vergonhosa a nota do Santander, querendo justificar, valendo-se de hipócrita retórica corporativa, o ato de censura que cometeu. Viva a diversidade!”. (Declarou o crítico de arte, Moacir Dos Anjos, que já foi curador da Bienal de São Paulo, em sua página do Facebook).
- (4) “Liberdade de expressão, censura não”. (Declarou a atriz Bárbara Paz, no Instagram)
- (5) “Abram os museus e as cabeças para a arte e para a diversidade humana”. (Publicou a cantora Daniela Mercury, no Instagram);
- (6) “A melhor forma de resistir ao obscurantismo é espalhar as obras da exposição #queermuseu por aí”. (Publicou a artista Marina Person, no Instagram);
- (7) “Liberdade de expressão para os artistas é essencial. Isso sempre teve. Na Renascença, Michelangelo pintou nus na Capela Sistina. A moda depois exigiu que os nus fossem cobertos e depois foram descobertos de novo. E nus em exposições aparecem inúmeras vezes. Não se fala de pornografia ou de agressões às pessoas. Entretanto, tem que ser colocado no museu e antes para a pessoa saber o que está sendo Mostrado”. (Declarou a artista plástica Pietrina Checcacci, no Twitter);

Em resposta a esses enunciados, os representantes do MBL e algumas personalidades políticas alegaram que não incentivaram a censura, mas trabalharam para garantir a aplicação das leis, que visam preservar a “moral” e bons costumes. Os comentários a seguir, dialogam com os textos favoráveis à Exposição, refutando-os. Combatem as teses adversas retomando-as e, por vezes, reformulando-as.

- (8) Colocamos a nossa posição nas redes sociais. Não compactuamos com esse tipo de postura e discordamos que dinheiro público esteja envolvido na divulgação de pedofilia ou outras "filias". Não acredito que (a Mostra) seja um tipo de arte. Para começar, não entendo que isso seja arte, muito menos que uma criança tenha

acesso a esse tipo de coisa. (Paula Cassol, coordenadora estadual do MBL, do RS, em entrevista ao jornal ZH);

- (9) “Não vejo que exista censura de baixo para cima. Na verdade, há uma revolta popular contra o conteúdo que foi colocado na exposição. Em momento algum houve a coação do banco. Retiraram a exposição porque quiseram. Podiam ter tirado obras, poderiam ter censurado, podiam ter feito uma série de coisas e a opção (por fechar) foi do Santander. Querer dizer que isso é censura, ditadura? Censura é o que acontece na Venezuela, em Cuba, na Coreia do Norte, onde você não pode veicular conteúdo nenhum. Aqui é Brasil e as pessoas têm liberdade de expressão, mas isso não quer dizer que você possa produzir conteúdo pornográfico pedófilo e dar acesso a isso para crianças. Se fosse censura, seria censura do governo em não permitir que a exposição fosse realizada.” (Afirmou Paula Cassol, coordenadora do MBL no Rio Grande do Sul, a VEJA).
- (10) “Santander Cultural promove pornografia e até pedofilia com base na Lei de Incentivo à Cultura.” (Página do Facebook do MBL)
- (11) “Isso é um boicote que deu certo, não uma censura.” (Afirmou Kim Kataguiri, um dos líderes do MBL, no Instagram)
- (12) “Gosto da arte, mas tudo deve obedecer um limite.” (Declarou o Prefeito de São Paulo, João Doria Jr.)
- (13) “É por isso que, aqui no Rio, a gente não quer essa exposição. Saiu no jornal que ia ser no MAR. Só se for no fundo do mar. Porque no Museu de Arte do Rio não” (Marcelo Crivella, no vídeo publicado em 1º de outubro de 2017;
- (14) “Tem que fuzilar os autores da *Queermuseu*.” (Declarou o Deputado Federal Jair Bolsonaro (PSC-RJ), ao programa “TV Verdade”, em Belo Horizonte - MG);

Os excertos selecionados circularam em diferentes mídiuns (Revista Veja; Jornal O Estado de S. Paulo; Programa televisivo; Instagram) e são bastante representativos do que Amossy (2017) designa como interação polêmica, isto é, um conjunto de discursos antagônicos que denunciam, protestam, chamam à ação e, mais, geralmente, mantêm, sob o modo do *dissenso*, a comunicação em espaço público entre indivíduos, cujas visões são diferentes e excludentes. Assim, no excerto 01 temos: “Esses grupos [de críticos] mostraram uma rapidez em **distorcer o conteúdo**, que não é ofensivo” e no fragmento 08: “**Não acredito que (a Mostra) seja um tipo de arte**. Para começar, não entendo que isso seja arte, muito menos que uma criança tenha acesso a esse tipo de coisa”. Os dados em negrito nos mostram que enquanto um grupo defende que houve uma distorção no que se refere ao conteúdo da Mostra por não ser ofensivo, o outro grupo defende que não se trata de arte e que as crianças não deveriam ter acesso ao conteúdo veiculado na Mostra. Trata-se de uma interação polêmica na medida em que se apresenta como uma reação direta, sob a forma de refutação, de um lado ao cancelamento e de outro, à permanência da Mostra. São de blocos de argumentos recorrentes, mais ou menos articulados entre si, que constituem um arsenal do qual se valem os que defendem uma mesma causa. Eles apresentam um claro funcionamento dos traços, que segundo Amossy (2017), constituem uma polêmica: dicotomização, polarização e desqualificação do outro.

Em relação ao primeiro traço, é possível perceber que há um claro choque de opiniões contraditórias (os que criticam a Exposição e os que a defendem). Desse modo, no excerto 02 temos: "A arte é o melhor lugar para debater. Eu vejo como preocupante esse tipo de movimento que impulsiona esse tipo de **intransigência com o debate**. Essas ideias **de intolerância** são incompatíveis com a arte. É uma **censura**". Já no fragmento 09 temos: "Não vejo que **exista censura de baixo para cima**. Na verdade, **há uma revolta popular** contra o conteúdo que foi colocado na exposição. Em momento algum houve a coação do banco". Trata-se de opiniões antitéticas que se excluem mutuamente, sem a menor possibilidade de conciliação, pois o que o grupo dos favoráveis entende como censura, o dos representantes do grupo 02, entendem como revolta popular.

O segundo traço, diferentemente do primeiro em que não se têm atores e actantes enunciando, mas sim teses em posições dicotômicas, inconciliáveis é caracterizado pelas vozes mobilizadas que se agrupam em dois conjuntos distintos, diametralmente opostos. Assim, no excerto 04 temos: "Liberdade de expressão, censura não". (Declarou a atriz Bárbara Paz, no Instagram) e no excerto 11 temos: "Isso é **um boicote que deu certo, não uma censura**." (Afirmou Kim Kataguirí, um dos líderes do MBL, no Instagram) De um lado, há a presença de uma figura discursiva, entendida por Amossy (2017), como Proponente (os que defendem a Exposição, cujo coro é reforçado, por exemplo, pela voz da atriz Bárbara Paz, no Instagram) e, de outro, a de um Oponente (os que criticam a Exposição, que recebe também no Instagram, o reforço da voz de Kim Kataguirí, um dos líderes do MBL), ambos se apresentam em face a um Terceiro elemento, a opinião pública, cujos polos, cada uma seu modo, buscam convencer. Não se trata de sujeitos empíricos, mas de figuras actanciais, de dois grandes coros que recebem dos que comungam a mesma causa um reforço vocal, nesse caso, de internautas que se posicionam em lugares enunciativos opostos: os que criticam e os que defendem a Exposição.

Os debatedores instauram, nessas discussões, não apenas uma divisão entre adversários, mas um "nós" diante de um "eles", situando-os em campos inimigos. Em outros termos, os internautas se reúnem diante do computador em um julgamento cuja linguagem virulenta não é apenas um escape. Ela os conduz em um mesmo ímpeto para exprimir um ódio comum e uma rejeição coletiva, capaz de silenciar comportamentos que julgam intoleráveis. Desse modo, no fragmento 07 temos: "**Liberdade de expressão para os artistas é essencial**. Isso sempre teve. Na Renascença, Michelangelo pintou nus na Capela Sistina. A moda depois exigiu que os nus fossem cobertos e depois foram descobertos de novo. **E nus em exposições aparecem inúmeras vezes**. Não se fala de pornografia ou de agressões às pessoas. Entretanto, tem que ser colocado no museu e antes para a pessoa saber o que está sendo Mostrado". Já

no excerto 14 temos: “Tem que **fuzilar os autores da *Queermuseu*.**” (Declarou o Deputado Federal Jair Bolsonaro (PSC-RJ), ao programa “TV Verdade”, em Belo Horizonte - MG). Os dados em negrito nos mostram que enquanto os representantes do grupo favorável à exposição defendem com um argumento histórico, por um lado, que a liberdade de expressão é fundamental para os artistas e, por outro, que o nú já esteve presente em outras exposições, inclusive em espaços sagrados com a Capela Sistina, o grupo dos favoráveis ao cancelamento defendem por meio de um discurso bélico, o fuzilamento dos autores da Mostra.

A violência verbal, os insultos e a tentativa de desconsiderar totalmente o adversário têm, segundo Amossy (2017), como efeito agrupar e unir locutores que não se conhecem, mas se reconhecem entre si, formando uma rede de protestos na internet. Embora o enunciado de Jair Bolsonaro, diga o contrário, para Amossy, a polêmica não tem por vocação realizar o que ela exalta. Ela permanece nos limites da comunicação verbal não chega às vias de fato, à luta física. Mesmo quando chama a agir por meio da violência verbal, ela se mantém no contexto de uma conversa cujo horizonte é a deliberação – a tentativa de chegar a decisões e a ações através do confronto verbal. Entendemos, dessa forma, que, para além da dicotomização e da polarização, as figuras enunciativas construídas no discurso estabelecem uma estratégia de depreciação, de difamação do outro, para cooptar a opinião pública em favor de uma tese ou de outra. Ao fazer isso, os atores afirmam que esse outro defende um ponto de vista não autêntico. Trata-se de constituir uma imagem negativa do outro, caracterizado como o símbolo do erro e, principalmente, do mal, e que, conseqüentemente, deve ser punido, criminalizado.

### **A propósito da gestão da memória na *Queermuseu***

Para compreender os discursos polêmicos em torno da *Queermuseu*, convém lembrar que eles se constituem no interior de práticas discursivas regradas por “aparelhos ideológicos”. Trata-se de discursos historicamente constituídos, cuja memória remete a questões de ordem artística, familiar e a práticas religiosas. Os temas abordados na/pela Exposição persistem no tempo longo de uma memória, ao passo que os comentários são tomados no tempo curto da atualidade de uma enunciação. No entanto, o que está em jogo, para além do convencimento de um terceiro, isto é, da tentativa de cooptação de mais adeptos (nos dois lados do debate), é uma luta ferrenha pelos sentidos, pela memória. Nesse sentido, é pertinente dizer que existe uma luta pela gestão da memória. Este é um bom exemplo do que Marie-Anne Paveau (2015) conceitua como desmemória discursiva:

(...) chamo de desmemória discursiva um conjunto de fenômenos de discurso que possibilitam a revisão das linhagens discursivas, ou seja, das transmissões semânticas cultural e socialmente realizadas pelos instrumentos da tecnologia discursiva (...). Essas revisões podem ser mudanças semânticas, neologismos semânticos, redenominações, reformulações etc, em suma, um conjunto de fenômenos de linguagem que produzirão efeitos transgressivos ou contraintuitivos num contexto no qual reine um acordo semântico (...). (PAVEAU, 2015: 237).

Consideramos que se trata de um caso de desmemória discursiva porque, de um lado, estão os sujeitos, que por falta de um melhor nome, inscritos na FD progressista que defendem a liberdade de expressão (“Liberdade de expressão para os artistas é essencial...”) e, de outro, os sujeitos inscritos na FD conservadora (“Aqui é Brasil e as pessoas têm liberdade de expressão, mas isso não quer dizer que você possa produzir conteúdo pornográfico pedófilo e dar acesso a isso para crianças...”).

Assim, o que é visto como “liberdade de expressão” por um grupo social é visto pelo outro como “conteúdo pornográfico e pedófilo”. Esse embate de sentidos mostra ainda outro aspecto interessante, que é a tentativa de transformação, especialmente, por parte do grupo conservador, do que é apresentado como liberdade de expressão pelo outro grupo, em algo passível de criminalização.

## Conclusões

No decorrer deste artigo, objetivamos mostrar, com base em Amossy (2017) e em Paveau (2015), a irrupção e o funcionamento de uma polêmica no espaço público: o encerramento da Exposição Queermuseu. Vimos que essa polêmica se deu a partir de discursos de posições antagônicas (os que criticam a Exposição e os que a defendem) que, apresentando-se em lados enunciativos opostos, buscam desqualificar o seu outro e convencer a opinião pública da pertinência de sua tese. Nessa prática discursiva, a violência verbal funciona como um recurso argumentativo poderoso, capaz de difundir e exacerbar a polêmica. Todavia, é possível constatar ainda a presença de outro um traço no funcionamento dessa polêmica: o da criminalização. Em outros termos, tanto o Proponente (figura discursiva que critica a Exposição) quanto o Oponente (figura discursiva que defende a Exposição) colocam o seu outro na posição de merecedor de uma sanção legal por causa de seu posicionamento. O primeiro criminaliza seu outro por entender que estaria usando recurso público de maneira indevida:

Colocamos a nossa posição nas redes sociais. Não compactuamos com esse tipo de postura e discordamos que dinheiro público esteja envolvido na divulgação de

pedofilia ou outras "filias". Não acredito que (a Mostra) seja um tipo de arte. Para começar, não entendo que isso seja arte, muito menos que uma criança tenha acesso a esse tipo de coisa. (Paula Cassol, coordenadora estadual do MBL, do RS, em entrevista ao jornal ZH);

Já o segundo criminaliza o seu outro afirmando que ele estaria promovendo a censura:

A arte é o melhor lugar para debater. Eu vejo como preocupante esse tipo de movimento que impulsiona esse tipo de intransigência com o debate. Essas ideias de intolerância são incompatíveis com a arte. É uma censura". (Afirmou o ex-presidente da Fundação Nacional de Artes e atual diretor executivo do Inhotim, Antonio Grassi, em entrevista ao jornal El País).

Os enunciados confrontam posições e favorecem o choque de opiniões contraditórias, suscitando reagrupamentos que visam a protestar, e, até mesmo, a incitar à ação, como é o caso do enunciado do Deputado Jair Bolsonaro. Emerge então não somente a violência verbal, mas também uma tentativa de criminalização do outro. Significa dizer que, para além da dicotomização, da polarização e da desqualificação do outro, a polêmica funciona também a partir da criminalização desse outro. É este último traço que é apresentado tanto pelo Proponente quanto pelo Oponente como o argumento cabal para cooptar a opinião pública.

### Notas

<sup>1</sup> Uma polêmica é o conjunto das intervenções antagônicas sobre uma dada questão em dado momento. (...). A polêmica se constrói através de todas as interações públicas ou semi públicas que tratam de uma questão social, e se manifesta na circulação dos discursos. (AMOSSY, 2017, p. 72). Como modalidade discursiva, a polêmica é antes de tudo, uma arte da refutação. (AMOSSY, 2017, p.98)

<sup>2</sup>Sancionada pelo ex-presidente Fernando Collor de Mello, a Lei Rouanet que institui políticas públicas para a cultura nacional. O grande destaque da Lei Rouanet é a política de incentivos fiscais, que possibilita que empresas (pessoas jurídicas) e cidadãos (pessoas físicas) apliquem uma parte do IR (imposto de renda) devido em ações culturais.

### Referências bibliográficas

- Amossy, R.** *da polêmica*. Coordenação da tradução Mônica Magalhães Cavalcanti. São Paulo, SP: Contexto, 2017.
- Paveau, M-A.** *Linguagem e moral: uma ética das virtudes discursivas*. Tradução de Ivone Benedetti. Campinas, SP: Editora da UNICAMP, 2015.

### Nota biográfica

 A portrait of Marilena Inácio de Souza, a woman with long blonde hair, wearing glasses and a necklace, smiling at the camera.	<p><b>Marilena Inácio de Souza</b> – Doutora em Linguística (UFSCar). Professora no Curso de Letras da Universidade do Estado de Mato Grosso-(UNEMAT), <i>Campus</i> de Alto Araguaia-MT (Brasil). É membro do Centro de Pesquisa FEsTA- Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise, da Universidade Estadual de Campina-Unicamp (Brasil). Atua na área de Linguística, área de concentração em Análise de Discurso.</p> <p><b>E-mail:</b> <a href="mailto:marilena-souza@hotmail.com">marilena-souza@hotmail.com</a></p>
 A portrait of Roberto Leiser Baronas, a man with glasses, wearing a light-colored shirt, speaking into a microphone at a conference table. There are water bottles in front of him.	<p><b>Roberto Leiser Baronas</b> – Doutor em Linguística e Língua Portuguesa (UNESP). Professor Associado III na Universidade Federal de São Carlos – (UFSCar), Campus de São Carlos (Brasil); docente do Curso de Letras e do Programa de Pós-graduação de Linguística da UFSCar. É pesquisador do CNPq, nível 1D. É membro do Centro de Pesquisa FEsTA - Fórmulas e Estereótipos: Teoria e Análise, da Universidade Estadual de Campinas - Unicamp (Brasil). Atua na área de Linguística, área de concentração em Análise de Discurso.</p> <p><b>E-mail:</b> <a href="mailto:baronas@ufscar.com.br">baronas@ufscar.com.br</a></p>